

*De leões sem garras e homens eruditos:
visões do masculino em Lésbia (1890),
de Maria Benedita Câmara Bormann (Délia)*



Maria Benedita Câmara Bormann. S./d., fotografia.

Evander Ruthieri da Silva

Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista da Capes. Professor substituto de História da Educação da UFPR. É autor de *Bram Stoker e a questão racial: literatura de horror e degenerescência no final do século XIX*. Curitiba: Prismas, 2017. evander.ruthieri@gmail.com

De leões sem garras e homens eruditos: visões do masculino em *Lésbia* (1890), de Maria Benedita Câmara Bormann (Délia)*

Of clawless lions and learned men: visions of the masculine in *Lésbia* (1890), by Maria Benedita Câmara Bormann (Délia)

Evander Ruthieri da Silva

RESUMO

O artigo se propõe analisar a construção das masculinidades no romance *Lésbia* (1890), de Délia, pseudônimo literário de Maria Benedita Câmara Bormann (1853-1895). A trama narra a formação e a trajetória ficcional de uma romancista brasileira, por meio da qual a autora delata os estigmas sociais que recaem sobre as mulheres, sobretudo das classes médias, que anseiam pela inserção em carreiras profissionais no *fin-de-siècle* brasileiro. A multiplicidade de perfis masculinos delineados na narrativa possibilita a reflexão a respeito do modo como Bormann problematiza a construção dos modelos predominantes de virilidade na passagem para o período republicano no Brasil oitocentista, bem como seus impactos sobre as hierarquias e contrastes de gênero. Por um lado, indica as apropriações críticas de elementos do naturalismo no escrutínio de perfis de masculinidade compreendidos pela romancista como vaidosos e mesquinhos, violentos e irresponsáveis; por outro, sugere a possibilidade de outras vivências do masculino, demarcados pela erudição e sensibilidade, capazes de cultivar relações menos verticalizadas com mulheres, baseadas na paixão e na valorização do intelecto.

PALAVRAS-CHAVE: História e Literatura; Maria Benedita Câmara Bormann; *Lésbia*.

ABSTRACT

This article aims at analyzing the construction of masculinities in *Lésbia* (1890), a novel by Délia, literary pseudonym of Maria Benedita Câmara Bormann (1853-1895). The plot narrates the background and the fictional trajectory of a Brazilian novelist, through which the author denounces social stigmata carried by women, especially middle-class, who wish to have a professional life in *fin-de-siècle* Brazil. Multiple male profiles presented in this narrative make it possible to reflect on how Bormann problematizes the construction of virility models that prevailed in the beginning of the republican period in 19th century Brazil, as well as their impact on gender hierarchies and contrasts. On the one hand, these profiles signal critical appropriations of naturalistic elements in the analysis of masculinity profiles, understood by the novelist as vain and petty, violent and irresponsible. On the other hand, they suggest the possibility of other experiences of the masculine, marked by erudition and sensitivity, capable of cultivating less vertical relationships with women, based on passion and valorization of the intellect.

KEYWORDS: History and Literature; Maria Benedita Câmara Bormann; *Lésbia*.

* Este texto resulta das discussões realizadas, durante o segundo semestre de 2016, na disciplina Estudos Avançados em História, da profa. Ana Paula Vosne Martins, do Programa de Pós-graduação em História da UFPR, a quem agradeço por todas as sugestões e contribuições.



A escrita ficcional produzida por romancistas brasileiras ao longo

do século XIX constitui temática incorporada recentemente pela crítica literária e pela historiografia, em especial se o foco incidir sobre questões associadas à relativização do cânone literário e aos processos de constituição de subjetividades por intermédio dos usos da cultura letrada.¹ O estudo das articulações entre os espaços de expressão literária feminina, sobretudo a imprensa periódica e o romance folhetinesco, e a formação de seus posicionamentos políticos, possibilita reflexões a respeito do modo como as mulheres das letras interpretavam e questionavam as transformações sociais e os embates culturais entre as décadas de 1880 e 1890, sobretudo os modelos comportamentais constituídos em conexão às mudanças políticas do período. A defesa por novos lugares de atuação social para mulheres ganhou destaque na ficção do período, em simbiose aos esforços de algumas romancistas, sobretudo oriundas das classes médias ou das elites letradas, para questionar a imagem de feminilidade associada estritamente à domesticidade e à maternidade como destino biológico e social do corpo feminino.

Ao perceberem os estigmas sociais que recaíam sobre as mulheres que ansiavam pela inserção em carreiras profissionais ou no ensino superior, pela emancipação sexual e reconhecimento dos seus direitos políticos, estas escritoras brasileiras delatavam os impactos das hierarquias e restrições no que compete às relações de gênero, seja no espaço público ou no cerne da intimidade. Da literatura de autoria feminina daquele período, o destaque, neste artigo, recai neste artigo sobre Maria Benedita Câmara Bormann (1853-1895), ou Délia, pois a escritora, por intermédio de seus romances, folhetins e contos publicados na imprensa periódica, mobilizava sensibilidade e erudição ao explorar os obstáculos e limitações impostos às mulheres de seu tempo. Por extensão, seus romances, ao enredarem narrativas ficcionais que problematizam a iconografia do feminino cuidadosamente elaborada pelos setores mais conservadores da sociedade brasileira finissecular, tornam-se sintomáticos das insatisfações da autora diante dos modelos de feminilidade, mas também de masculinidade, ao compreender a construção de contrastes de gênero nas relações vivenciadas entre homens e mulheres.

Este texto visa tratar das visões do masculino elaboradas por Délia em seu romance *Lésbia* (1890). A trama acompanha o fazer-se de uma escritora, da sua paixão pelo conhecimento e pelo potencial criativo, mas também os obstáculos materiais e simbólicos que dificultam a inserção da mulher no campo literário do *fin-de-siècle* brasileiro. Em sua trajetória, a jovem Bela, que posteriormente transforma-se na personagem-escritora Lésbia, encontra uma multiplicidade de perfis masculinos, os quais possibilitam a reflexão a respeito do modo como Bormann interpretava e problematizava a construção dos modelos predominantes de virilidade na passagem para o período republicano no Brasil oitocentista.

“Zola de saias”: Maria Benedita Bormann nas tramas da literatura finissecular

Maria Benedita Câmara Bormann, conhecida pelo pseudônimo literário de Délia, nasceu em Porto Alegre em 1853, mas cresceu e viveu no Rio de Janeiro, onde faleceu em julho de 1895. Foi caracterizada por uma contemporânea, a escritora Ignez Sabino, como uma “Zola de saias”, em uma assertiva sintomática da presença de elementos naturalistas em sua escrita literária, embora efetivamente mobilizasse recursos estilísticos

¹ Ver HOLLANDA, Heloísa Buarque. Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira avaliação. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p. 65.

² Ver TELLES, Norma. Introdução. In: BORMANN, Maria Benedita Câmara (Délia). *Lésbia*. Florianópolis: Mulheres, 1998, p. 11.

³ Ver KNIBIEHLER, Yvonne. Corpos e corações. In: FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*: vol. 4, o século XIX. Porto: Afrontamento, 1991, p. 383.

⁴ Ver ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. *Tramas femininas na imprensa do século XIX: tessituras de Iñez Sabino e Délia*. Tese (Doutorado em Letras) – PUC-RS, Porto Alegre, 2008.

e temáticas presentes em diversas escolas literárias.² Délia, oriunda de uma família de prestígio, mas com poucos recursos, casou-se em 1872 com seu tio-materno, o militar José Bernardino de Bormann, e colaborou em diversos jornais no Rio de Janeiro, ao exemplo d' *A Gazeta da Tarde*, de José do Patrocínio, *A Família*, de Josefina Alvares de Azevedo, e *O Paiz*, de Quintino Bocaiúva. Devido à escassez documental, sua produção literária e contribuições à imprensa apresentam-se como principais fontes históricas no que concerne aos espaços de atuação e visões de mundo de Maria Benedita Câmara Bormann.

Em muitos dos seus romances, intitulados em referência a nomes de mulheres – *Aurélia* (1883), *Magdalena, Uma vítima, duas irmãs* (1884), *Angelina* (1886), *Estátua de neve* (1890), *Lésbia* (1890) e *Celeste* (1893) – Délia sugere certa insatisfação com as visões do feminino advogadas pelo movimento republicano no Brasil entre as décadas de 1880 e 1890, o qual negava o sufrágio e restringia as mulheres às tarefas domésticas, em uma clara re-verboração das teorias das esferas do público e privado que, ao longo do século XIX, intensificaram a divisão dos papéis sociais de gênero.³ Ao longo de sua trajetória literária, Délia realiza inquirições incessantes em torno do impacto destes códigos de conduta em suas personagens, ao evidenciar um leque de violências simbólicas e efetivas contra o corpo feminino no cerne da intimidade, bem como a solidariedade entre mulheres e experiências alternativas de família e maternidade.⁴ Por extensão, a trajetória intelectual e a produção literária de Délia possibilitam refletir a respeito da constituição de espaços públicos da cultura escrita e impressa nos quais muitas mulheres letradas expressavam suas defesas políticas e críticas sociais.

Por intermédio da cultura escrita e literária, a intelectualidade brasileira entre as décadas de 1880 e 1890 almeja interpretar um período de intensas e profundas transformações sociais e políticas, incorporando ideais liberais europeus em suas culturas políticas, notadamente nas campanhas abolicionistas e republicanas. Em linhas amplas, visam à modernização das estruturas sociais brasileiras, bem como a extensão dos direitos políticos e da democracia, e, com certa frequência, amparam-se por crescente ímpeto cientificista enquanto via de interpretação dos elementos que caracterizariam os retrocessos da sociedade finissecular. O cenário cultural e político no último quartel do século condiciona uma presença cada vez mais constante de mulheres, mormente oriundas das elites e das classes médias, nos espaços de sociabilidade letrada e cultura escrita, em especial na imprensa periódica, caracterizada por um crescimento quantitativo de jornais e revistas idealizados e produzidos por mulheres, ou ainda voltados para a formação de um público leitor feminino.

Nestes periódicos, vislumbram-se preocupações que se encontravam alinhavadas às defesas feministas ou protofeministas do período, ao exemplo do acesso universal à educação, o direito ao sufrágio e a inserção em carreiras profissionais. A defesa por novas possibilidades de ação e protagonismo social para mulheres ganhou espaço inegável na ficção, sobretudo produzida a partir dos anseios de muitas romancistas, poetas e intelectuais que visavam romper com os constrangimentos, restrições e convenções sociais profundamente incorporadas na sociedade brasileira do *fin-de-siècle*, mormente, a associação simbiótica entre feminilidade, domesticidade e maternidade, vistas como destinos biológicos da mulher. Periódicos como o impresso *A Família*, editado entre 1888 e 1894 pela jornalista, dramaturga e sufragista Josefina Alvares de Azevedo, e com ampla

colaboração de Luiza Adelaide, Amalia Franco, Emilia Ribeiro, Maria Vaz de Carvalho, Júlia Lopes de Almeida, Emiliana de Moraes, Ignez Sabino, Presciliana Duarte, dentre outras, propunham ao seu público leitor, entre conferências, folhetins literários e citações de Madame de Staël, Madeleine de Scudéry ou George Sand, novos modelos de subjetividade feminina e possibilidades de atuação social. As defesas letradas destas intelectuais apontavam aos limites e incongruências das modificações simbólicas e concretas em centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo a partir das décadas de 1880 e 1890, as quais tentavam redefinir os comportamentos de homens e mulheres. Neste processo, médicos higienistas, intelectuais positivistas e religiosos empenhavam-se na formação da “mãe burguesa”, interpretada como ser afetivo e frágil, de dedicação integral à criação e educação dos filhos, bem como ao cuidado das famílias.

Nas páginas do periódico *A Família*, a estreia de Délia ocorre com o conto “A espera”, publicado em 16 de fevereiro de 1889. A narrativa aborda a espera de Celina, que permanece até o fim da vida aguardando o retorno do amado à beira da praia. A heroína é delineada como casta e virginal, de sentimentos suaves e afetuosos, mas capaz de evocar uma “ardente volúpia, feita de saudades e indefiníveis desejos” ao sentir “a brisa salina, impregnada de cordame, alcatrão e linho”. A visão de um beijo de amantes no cais, “repleto de sadio sensualismo”, faz com que lamente a ausência ou inexistência da paixão com seu amado desaparecido: neste cenário doméstico, Délia explora a descoberta da sexualidade da jovem, caracterizada por um “atordoamento, semelhante ao começo da embriaguez, e a ingênua donzela teve a intuição do seu vago ansiar”. A romancista empreende uma incursão à subjetividade de Celina, enfatizando sentimentos como o amor, a solidão feminina e a ausência da “fibra materna”.⁵ O destino final de Celina, que morre sozinha e esquecida pelo homem amado, sugere uma combinação de seu aspecto angelical e das limitações do modelo de feminilidade associado à maternidade e ao casamento, em particular as consequências psicológicas – a infelicidade, o tédio, a solidão – para mulheres impossibilitadas ou incapazes de se enquadrar nestes ideais.

Nos contos e romances, Délia explora corações e mentes de suas personagens a partir de suas ambições e sofrimentos, conquistas e fracassos, defendendo a instrução intelectual e conhecimento da sexualidade feminina em constantes atitudes de desnaturalização da maternidade ou do matrimônio. Este posicionamento visa desestabilizar os discursos a respeito da “natureza feminina”, os quais pelo menos desde o século XVIII, no entrecruzamento de proposições de caráter médico, moral ou religioso, almejam definir a mulher enquanto maternal e delicada, naturalizando-a para além ou aquém ao campo da cultura e da produção criativa, e, por extensão, acusando-a de certo atrofiamento intelectual e instabilidade emocional.⁶ Destarte, a produção ficcional de Délia encontra-se alinhada à emergência do que se convencionou denominar, no último quartel do século XIX, de “novas mulheres”⁷, figuras sociais que defendem a autonomia feminina nos espaços público e privado, no campo das artes e da literatura, além da emancipação profissional, inserção nas universidades e direito ao sufrágio. As “novas mulheres” enfatizam a centralidade da educação feminina como via para conquista de autonomia, e igualmente denunciam as falências do casamento enquanto instituição social, além de oferecer, pela literatura ou na dramaturgia, destinos ficcionais alternativos à maternidade ou ao matrimônio.

⁵ DÉLIA. A espera. *A Família*, 16 fev. 1889, São Paulo, p. 6.

⁶ Ver BERRIOT-SALVADORE, Évelyne. O discurso da medicina e da ciência. In: DAVIS, Natalie Zemon e FARGE, Arlette (orgs.). *História das mulheres no Ocidente*: v. 3, do Renascimento à Idade Moderna. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 409.

⁷ Ver LEDGER, Sally. *The new woman: fiction and feminism at the fin de siècle*. Oxford: Manchester University Press, 1997.

⁸ AZEVEDO, Josephina Alva-
rez. Editorial. *A Família*, 12 jan.
1889, São Paulo, p. 1.

⁹ BORMANN, Maria Benedita
Câmara (Délia). *Lésbia*. Flo-
rianópolis: Editora Mulheres,
1998, p. 52.

¹⁰ TELLES, Norma. Escritoras,
escritas, escrituras. In: DEL
PRIORE, Mary e BASSANE-
ZI, Carla (orgs). *História das
mulheres no Brasil*. São Paulo:
Contexto, 2006, p. 431.

¹¹ Ver GILBERT, Sandra M.;
GUBAR, Susan. *The madwoman
in the attic: the woman writer
and the nineteenth-century lit-
erary imagination*. New Haven:
Yale University Press, 2000, p.
50, e CUNHA, Paula Cristina.
O desafio ao cânone literário.
Revista Graphos, João Pessoa, v.
14, n. 2, 2012.

¹² BORMANN, Maria Benedita
Câmara. *Lésbia*, op. cit., 1998,
p. 97.

A formação intelectual de mulheres assume uma dimensão prag-
mática nas defesas letradas de Délia, na medida em que, com afinco, visa
paulatinamente orientar as escolhas e possibilidades do modo de agir de
suas personagens, tanto em nível subjetivo quanto intersubjetivo. A defesa
pela educação de mulheres enquanto parte constitutiva de suas culturas
políticas galga espaço expressivo nas páginas de *A Família*, em especial
nas palavras impressas de sua editora, Josefina Alvares de Azevedo, a qual
defende, em janeiro de 1889, que “a base principal do verdadeiro progresso
é a educação”, e questiona seus leitores: “quereis ver o Brasil em pouco
tempo colocar-se ao lado das nações mais civilizadas do mundo? Educai
a mulher”.⁸

Em *Lésbia*, foco de análise e problematização deste artigo, as de-
silusões e sofrimentos amorosos fazem com que a protagonista Bela se
entregue aos estudos. Para além dos romances sentimentais, repletos de
“febre e de delírio, onde a alma se expandia no sofrimento e na luta”⁹, a
jovem depara-se com a filosofia estoíca nas *Máximas de Epicteto*, cuja leitura
instrui a personagem a refletir criticamente acerca de seu passado e utilizá-
lo como fonte infundável para a escrita literária. Por meio de seu contato
com a leitura e com as práticas de escrita, entre a erudição e a sensibilidade,
ela se metamorfoseia em Lésbia, demarcando sua subjetividade enquanto
romancista a partir de “um nascimento para a primazia da linguagem que
assinála o surgimento da escritora”.¹⁰

Lésbia, escrito em 1884, mas publicado em 1890, pode ser categorizado
como um *künstlerroman*, ou romance de artista, no qual Bormann enfatiza
o potencial criativo da heroína Arabela/Lésbia, seu fazer-se enquanto es-
critora, bem como os obstáculos que permeiam a inserção e trajetória no
campo literário brasileiro ao *fin-de-siècle*. Em sua heroína, cinge uma dupla
paixão, a saber, a paixão pelo conhecimento e a paixão erótica; além disso,
confere à personagem-escritora a recusa pelo casamento e por uma versão
doméstica de feminilidade, em favor da valorização da cultura erudita,
da singularidade literária e da sociabilidade artística. Em termos, *Lésbia*
evidencia o que Sandra M. Gilbert e Susan Gubar categorizam como uma
“ansiedade da autoria” presente na escrita literária produzida por mulhe-
res no século XIX, marcada pela sensação de solidão e isolamento em uma
sociedade com fortes hierarquias sociais e de gênero; por sua alienação com
relação ao campo literário predominantemente masculino; e a necessidade
de estabelecer uma genealogia literária composta por mulheres capazes
de legitimar seu potencial criativo¹¹, certo senso de *sisterhood* artística, o
que em *Lésbia* ocorre por referências às romancistas francesas Germaine de
Stäel e George Sand, e pelo próprio nome artístico da escritora, ao remeter
à poeta grega Safo de Lesbos.

Esta “ansiedade da autoria”, que em *Lésbia* ainda poderia ser interpre-
tado como uma ansiedade pelo conhecimento, fica evidente por meio dos
obstáculos estruturais e pelos estigmas sociais que recaem sobre a mulher
que anseia por sua formação intelectual, pois, como afirma sua personagem
titular, os esforços em conquistar legitimidade ou estabilidade profissional
enquanto escritora possuem “dois grandes inconvenientes para qualquer
empreendimento deste gênero – ser mulher e ser brasileira”.¹² Contra
as ideias feitas, os preconceitos de gênero presentes no campo literário
finissecular, Délia reforça a erudição, a sagacidade e a ironia no caráter
de Lésbia, na medida em que converte um refinado senso de observação
aguçada em base de seu *modus operandi* literário. De modo simultâneo,



ênfatisa as necessárias condições materiais capazes de possibilitar a escrita literária de mulheres, elementos que, para sua personagem-escritora, são conquistados após ganhar um prêmio na loteria e adquirir um palacete que converte em verdadeiro templo dedicado à sua inteligência e ambição pelo sucesso literário.

Além destes elementos, a narrativa literária se constrói em torno das relações que Lésbia estabelece com outros personagens, sobretudo masculinos, cuja pluralidade evidencia o modo como Bormann interpretava as vivências de homens e mulheres no *fin-de-siècle* brasileiro. Por isso, nos próximos desdobramentos deste artigo, intenciona-se a problematização desta dimensão inerente à escrita literária de Délia em *Lésbia: a construção dos sujeitos masculinos pela narrativa literária*. A “formação das almas”¹³ nas décadas de 1880 e 1890, isto é, a difusão de ideais de nação significativos para a maior parte da população brasileira, a fim de conferir unidade ao país e legitimidade a seus atos, manteve um papel social definido para as mulheres com base em suas funções de mãe e esposa, mas também difundiu e instituiu gradualmente novos códigos comportamentais e modelos de conduta entre os homens. Ao apontar a multiplicidade de perfis masculinos em *Lésbia*, Délia demonstra limitações e contradições derivadas destes ideais de masculinidade, mas também a possibilidade de amizade intelectual e paixão entre homens e mulheres.

Para tanto, a análise das fontes elencadas é tributária a pelo menos três perspectivas teórico-metodológicas que, por vias distintas, compreendem a literatura enquanto objeto cultural dotado de potência política: a) os estudos a respeito da relação entre história e literatura que, pelo menos desde a década de 1980, tem recorrido a textos literários para investigar os esforços de homens e mulheres em interpretar e re-imaginar suas relações cotidianas¹⁴; b) as análises provenientes da história cultural e da história social da cultura, ao observarem a cultura como um horizonte de possibilidades permeado por forças, conflitos e tensões sociais, ou ainda como um conjunto de formas de conduta, hábitos ou comportamentos historicamente disponíveis aos membros de um determinado grupo social¹⁵; c) a crítica literária feminista, que pelo menos desde a década de 1970, tem sublinhado a necessidade de entender os impactos simbólicos dos contrastes entre homens e mulheres no campo das produções culturais, bem como as ansiedades e particularidades políticas da escrita literária de autoria feminina.¹⁶ Por extensão, o escrutínio das fontes elencadas visa demonstrar que as definições de masculino na obra de Délia problematizam e constroem-se a partir de códigos culturais de gênero, categoria analítica e de caráter relacional que se atenta à produção social de experiências subjetivas.¹⁷

A mobilização da literatura como fonte de subsídios para a análise histórica está associada a um momento de expansão das abordagens que os historiadores dispõem em seu afã de investigar a experiência humana no tempo. Esta perspectiva teórico-metodológica encontra-se relacionada à capacidade da narrativa literária em expressar e configurar sentidos e significados, que informam rastros de razões e sentimentos partilhados no passado e traduzidos em forma de texto. Estes elementos convergem com o desafio de pensar historicamente a potencialidade humana de expressar seus posicionamentos políticos por intermédio da ficção, a qual permite investigar o “modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos”.¹⁸ Desta forma, a preocupação com a historicidade inerente à lite-

¹³ Ver CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

¹⁴ Ver GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, e PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

¹⁵ Ver GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, e PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

¹⁶ Ver MOI, Toril. *Teoria literária feminista*. Madrid: Catedra, 1988; SHOWALTER, Elaine. *A literature of their own: british women novelists from Brontë to Lessing*. Princeton: Princeton University Press, 1977; GILBERT, Sandra M. e GUBAR, Susan. *The madwoman in the Attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. New Haven: Yale University Press, 2000, e MARTINS, Ana Paula Vosne. O pintor, o médico e a mulher: códigos visuais e de gênero na pintura de tema médico. *Revista Gênero (Niterói)*, v. 10, n. 2, 2010.

¹⁷ Ver SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, Porto Alegre, 1995.

¹⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural, op. cit.*, p. 82.

¹⁹ CAMILOTTI, Virginia e NAXARA, Márcia. R. C. História e literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. *História: Questões & Debates*, n. 50, jan.-jun. 2009, p. 39

²⁰ Ver MISKOLCI, Richard e BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. O drama público de Raul Pompeia: sexualidade e política no Brasil finissecular. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 75, fev. 2011.

²¹ SANTOS, Fernanda Cássia. *A construção das masculinidades no discurso médico e nos romances para homens (1885-1923)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba, 2012, p. 9.

²² Ver MISKOLCI, Richard. O corte da sexualidade: a emergência do dispositivo de sexualidade no Brasil. *Anais online da XXVI Reunião Brasileira de Antropologia*, Brasília, ABA, 2008, e VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

²³ CONNELL, R.W. Políticas da masculinidade. *Revista Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, 1995, p.185.

ratura remete a pensá-la “como substrato para o escrutínio de percepções, representações, figurações, por meio das quais se buscam os movimentos de instituição de imaginários e da própria temporalidade enquanto tal”.¹⁹ Portanto, em um jogo de vaivém entre ficção e realidade, e no cotejo de fontes e problemas, visa-se seguir a sintonia refinada e as relações simbióticas entre textos e contextos no que compete à produção intelectual.

Sobre homens e livros: figurações de masculinidade em *Lésbia*

Nas últimas décadas do século XIX e no início do século XX, a construção de novos modelos de masculinidade, ideais de honra e códigos de virilidade provocaram largas doses de ansiedade e angústia em muitos homens brasileiros, em especial nas camadas médias e nas elites, que se esforçavam para enquadrar-se no âmago destas configurações comportamentais. Tome-se, a título de exemplo, o drama público em torno da morte do literato Raul Pompeia em dezembro de 1895. Seu suicídio, anunciado publicamente pelo autor em carta enviada à *Gazeta de Notícias* na qual declarava ser “um homem de honra”, evidencia as consequências extremas das acusações públicas de efeminamento e degenerescência do romancista carioca, radical político e florianista convicto, e sugerem o modo como política e sexualidade estavam cingidas no âmago das relações que se constituíam entre os homens brancos da elite letrada.²⁰ Naquele período, novas normas associadas à sexualidade foram paulatinamente constituídas, em profunda conexão às mudanças políticas decorrentes no período, ao exemplo da abolição do trabalho escravo e do movimento republicano. Uma nova nação exigia novos homens.

Os principais articuladores dessas normas e códigos comportamentais foram os médicos higienistas e sanitaristas, os quais, ao compreenderem seu papel na construção da nação brasileira, “tomaram para si a responsabilidade de construir um corpo saudável para a nação, formado por homens fortes e viris”.²¹ Estes esforços encontram-se subjacentes a um contexto histórico de efervescência e disputa política no campo intelectual brasileiro, traduzindo conflitos simbólicos e efetivos em torno dos ideais de nação que ganhavam fôlego com a consolidação do regime republicano. As polêmicas, usualmente tramadas entre homens brancos das elites letradas ou das classes médias, estabeleciam uma simbiose entre as instituições nacionais, incluindo o campo literário, e a masculinidade. Estavam profundamente articulados à preocupação com a modelação do caráter dos homens brasileiros, em especial, a crença na missão de encarnar ideais republicanos com base em rigorosos valores normativos e morais.²² A emergência destes projetos políticos de construção da nação brasileira entre médicos e letrados, que acarretou em definições rígidas dos papéis sociais de homens e mulheres no Brasil finissecular, evidencia as disputas em torno da consolidação de certa “masculinidade hegemônica”²³, expressão que referencia um modelo cultural de virilidade, a partir do qual outras subjetividades mantêm relações complexas de cumplicidade, inflexão ou marginalização.

Muitos literatos e romancistas brasileiros, em seus incessantes esforços para promover interpretações ficcionais destes processos históricos, reforçavam as hierarquias de gênero e raça, mas também problematizavam os códigos comportamentais difundidos em articulação aos ideais de coesão coletiva inerentes à representação da nação brasileira advogada pelas

vertentes republicanas. Romances como *O Ateneu* (1888), de Raul Pompeia, *Bom-crioulo* (1895), de Adolfo Caminha e *O menino do Gouveia* (1914), de Capadácio Maluco, possibilitam perceber as vias pelas quais estes letrados problematizavam a unidade ou coesão coletiva, desvelando diferenças e incongruências, em especial, no cerne da masculinidade hegemônica difundida no período em questão.²⁴ Destarte, torna-se pertinente a realização de investigações históricas a respeito do modo como as escritoras no último quartel do século XIX, observadoras atentas às tensões e conflitos do mundo social e dos seus impactos na esfera da intimidade, interpretavam e reelaboravam esse universo de relações por intermédio da cultura escrita, espaço de constantes conflitos e negociações. Em *Lésbia*, a romancista possibilita pensar uma recusa política da fixidez das posições de sujeitos, ao apresentar uma pluralidade de perfis masculinos, e também permite analisar a dimensão relacional entre homens e mulheres, em especial, no aspecto definidor dos espaços de atuação feminina e protagonismo social.

No que diz respeito às relações de gênero que perpassam a trajetória ficcional de Arabela, a primeira inflexão significativa refere-se ao marido da jovem. O encontro de Bela com o marido ocorre pouco tempo após a jovem deixar o colégio, momento em que “abrilhantou as festas onde ia, excitou a admiração dos homens e a cólera das mulheres” e, apesar da tenra idade, “cingiu o diadema de incontestável superioridade, que tão prejudicial se torna àquelas que o trazem”.²⁵ Bela conheceu o “homem que o destino lhe reservava para marido” e tão logo se torna iludida pelas “palavras afetuosas e aparentemente sinceras, com que os homens iludem as mulheres”.²⁶ A despeito das desconfianças dos pais de Bela, cujo apoio emocional e financeiro à filha torna-se indelével, a jovem deixa-se levar pela “cegueira do fatalismo” e casa-se três anos depois. O arrependimento, comparado por Bormann à “profundidade do abismo”, atinge a jovem poucos dias após o casamento, o qual converte-se num “pesado lenho” que Bela é obrigada a carregar tacitamente, pois vê-se “abafando os queixumes que lhe subiam os lábios e devorando as lágrimas que escaldavam as faces”.²⁷

Para descrever as feições do rude marido, a romancista recorre a termos patológicos, afinal, o homem tinha “trinta anos, fisionomia biliosa, vulgar, antipática”, capaz de causar na jovem o “magnetismo da aversão”.²⁸ Conquanto estes mesmos termos fossem, em certa frequência, utilizados por literatos naturalistas para descrever os histerismos das personagens femininas, suas tendências a comportamentos anômalos e desequilíbrios emocionais – em especial, se jovens ou solteiras, portanto aquém de suas funções reprodutoras – Délia utiliza-se deste léxico cientificista para minar a figura patriarcal no seio doméstico e, em especial, um modelo de virilidade marcado pela incapacidade de relativizar valores e que observa as mulheres-esposas enquanto meras extensões de suas propriedades materiais. O comportamento irascível do marido, caracterizado pelas marcas da “grosseria” e do “bestial ciúme” capazes de matar “a ternura da pobre moça”, provoca “despeito e tédio” na jovem ou ainda “íntimo desalento”.²⁹ A um único golpe, a romancista visa desestabilizar um dos principais pilares da educação moral e dos discursos médico-sanitaristas no período, pois observa na vida doméstica e conjugal no cerne das elites burguesas uma fonte de dissabores e infelicidade para as mulheres. Neste sentido, a vida ao lado do marido cultivada em Bela verdadeira aversão ao universo doméstico, de modo a buscar nas atividades intelectivas uma alternativa aos atentados emocionais provocados pelo cônjuge ciumento: “tornara-se-

²⁴ Ver SANTOS, Fernanda Cássia, *op. cit.*, e MISKOLCI, Richard. Machado de Assis, o outsider estabelecido. *Revista Sociologias*, n. 15, jan.-jun. 2006.

²⁵ BORMAN, Maria Benedita Câmara, *Lésbia, op. cit.*, p. 39.

²⁶ *Idem.*

²⁷ *Idem, ibidem*, p. 39 e 40.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 37.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 36-40.

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 41.

³¹ BORMANN, Maria Benedita Câmara (Délia). *Aurélia*. Florianópolis: Mulheres, 2014, p. 34.

³² Ver HEILMANN, Ann. *New woman fiction: women writing first-wave feminism*. Basingstoke: Macmillan, 2000.

³³ Cf. SANTOS, Fernanda Cássia, *op. cit.*, p. 25.

³⁴ BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Lésbia*, *op. cit.*, p. 44.

³⁵ *Idem, ibidem*, p. 43.

³⁶ *Idem, ibidem*, p. 81.

³⁷ Ver DOTTIN-ORSINI, Mi-reille. *A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, p. 225.

lhe odiosa a casa, onde penetrara palpitante de emoção e coroada de flores de laranjeira; fora ali, que a ilusão desaparecera para sempre, deixando-a ferida e aniquilada; era ali, onde tudo lhe recordava o desmoronamento de sua vida; resolveu-se portanto morar com os pais, cuja presença amenizaria a agrura de sua existência”.³⁰

A atitude crítica de Délia com relação à figura do marido encontra-se presente em outras obras literárias, ao exemplo de *Aurélia*, na qual apresenta a personagem Zélia, jovem de vinte anos e recém-casada. Por meio dela, a romancista aborda o tema da violência sexual no âmbito doméstico, explicando aos leitores que poucos meses após o casamento, Zélia “saiu dos braços desse abutre, fanada, com horror daqueles beijos, daquele cansaço, da aridez daquele espírito, do mutismo daquela alma [...]. Livre das importunações brutais do marido”. A romancista confere a Zélia, personagem “bela, a ponto de fazer cometer crimes”³¹, consciência sobre seu corpo e desejo erótico. A tirania conjugal e a personagem do marido violento tornam-se um *leitmotiv* em muitos dos romances produzidos pelas “novas mulheres” no final do século XIX, por meio do qual estas escritoras articulam o que interpretam como o fracasso do casamento enquanto instituição social. Descrições de violência doméstica e sexual, ou da transmissão de doenças venéreas por maridos adúlteros, sugerem a recusa de certa versão masculina da moralidade, e ao mesmo tempo visam esfacelar a relação, vista como intrínseca por muitos de seus apologistas, entre masculinidade e autocontrole sexual.³² Como se pode depreender a partir da análise dos outros personagens masculinos em *Lésbia*, não se trata de uma recusa plena da esfera da virilidade, mas sim uma atitude de revisão, em diálogo com as transformações sociais que, na transição entre o Império e a República no Brasil, levam ao afastamento gradual de um modelo hegemônico de masculinidade relacionado à violência como marca da ordem patriarcal.³³ Esta valorização de outro modelo de homem brasileiro, civilizado à moda europeia, caracterizado pelo autocontrole físico, mas ainda assim dotado de certa sensibilidade emocional e intelecto, pode ser vislumbrado em outro personagem importante na trajetória de *Lésbia*, o médico Dr. Luiz Augusto. Em sua apresentação, Délia o descreve como um homem que, assim como Bela, “sofria talvez, mas ninguém poderia precisar o gênero do seu sofrimento; tal era a discrição e reserva daquele caráter altivo e ao mesmo tempo singelo”.³⁴ Em termos fisiognômicos, a romancista afirma que “tinha ele quarenta e dois anos e uma dessas fisionomias severas, que parecem refletir a calma de impoluta consciência; o bondoso olhar, habituado a encarar as dores do corpo, guardara como que um resquício de compaixão e atraía a confiança”.³⁵

Enquanto contraponto à figura do odioso marido, Luiz Augusto converte-se em um dos primeiros leitores e críticos dos escritos da jovem Bela, atento ao fato de que, como afirma, “muito deve ter sofrido para conseguir comover tanto! O seu escrito incomoda e magoa como os gritos de uma dor intolerável!”.³⁶ A presença do médico na ficção de Délia aponta para relações complexas e estreitas entre a medicina e a literatura finissecular, na medida em que muitos romances de cunho naturalista faziam uso de concepções médico-sanitaristas ou ainda eugenistas na suas tessituras narrativas e, por outro lado, muitos textos médicos estavam carregados com exemplos literários.³⁷ O próprio médico, ao acompanhar o cotidiano de Bela, possibilita pensar as marcas do olhar cientificista sobre o corpo da mulher, pois “dias depois, começou o Dr. Luiz Augusto a observar a

atitude da moça, para devassar-lhe o segredo que a minava, abatendo-lhe o semblante, provocando-lhe febris movimentos e mórbidas prostrações”.³⁸ A intenção de Luiz Augusto, em sua ânsia por explorar o coração atormentado da intelectual, evidencia a percepção de Bormann a respeito de um forte simbolismo de gênero presente na prática médica ao longo do século XIX, ilustrado igualmente pelas artes visuais e pela literatura naturalista: a imagem do médico enquanto protetor e profundo conhecedor do corpo da mulher, tema que evoca a ideia de um pioneirismo masculino ao explorar o organismo feminino, inerte e passivo, em uma aventura viril comumente embasada nas metáforas de conquista em terras exóticas.³⁹

Nas últimas décadas do Oitocentos, estas representações da autoridade do saber médico reforçam a imagem dos “homens da ciência”, ambigualmente envolta em certa áurea de objetividade e interesse descompromissado, mas profundamente reveladora dos vínculos almeçados entre a profissionalização das práticas médico-científicas e códigos de gênero, em especial, da masculinidade.⁴⁰ Entre as décadas de 1880 e 1890, muitos médicos e sanitaristas brasileiros assumiram o manto de protagonistas nas transformações urbanas, visando a preservação da saúde pública enquanto projeto cívico de construção da nova nação. Em parte da literatura naturalista do período, o médico aparece com a palavra definitiva, em especial sobre o corpo feminino, pois “quanto mais a personagem discursa, dá aulas, mais aumenta sua credibilidade e sedução”.⁴¹ O que se observa em *Lésbia* é a problematização dos limites destes paradigmas médico-científicos e das suas dimensões de gênero, na medida em que é pela palavra da mulher, isto é, por sua identificação com os escritos literários de Bela, que o profissional da medicina encontra vazão para sentimentos e lembranças de amores amargos:

– Bela, não imagina em que cordas tocou o seu romance! Mil recordações dolorosas, recalçadas n’alma, despertaram atônitas, como um bando de pássaros feridos! Com as suas tormentas e agonias reviveu a minha mocidade, fazendo sangrar cicatrizes mal fechadas e agitando de novo um coração já embotado pelo atrito do mundo!

Com a vista, seguiu-o Bela, enternecida pela explosão de tamanho pesar, contido no seio desse homem apaixonado e na superfície revestida de convencional ceticismo.⁴²

A problematização da exclusividade masculina na profissionalização das práticas médico-científicas (ou mesmo no campo literário), sobretudo pela defesa da inserção de mulheres nos mundos do trabalho, está em pauta nos debates feministas naquelas décadas. O impresso *A Família*, que conta com Bormann entre suas colaboradoras, publica diversos artigos dedicados ao tema, ao exemplo da coluna “O trabalho das mulheres”, a qual defende a revitalização física e moral pela via do trabalho, concluindo que “pouco a pouco à regeneração da mulher, seguir-se-ia a regeneração do homem, deixaríamos de ser a ruína, para tornar-nos o conforto”.⁴³ Além disso, o periódico comumente divulga o trabalho de profissionais, como a abertura do consultório da médica gaúcha Rita Lobato ou do gabinete da dentista Isabel de Mattos Dillon no final de 1888, e na sua edição de 23 de maio de 1889 orgulhosamente anuncia que uma de suas colaboradoras, a professora Marie Rennotte, seguiria à Paris para visitar a Exposição Universal e, de lá, viajaria aos Estados Unidos para graduar-se em medicina.⁴⁴ A presença mais constante de mulheres nas carreiras profissionais e no ensino superior,

³⁸ BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Lésbia*, op. cit., p. 61.

³⁹ Ver SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual: sexo e cultura no fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, e MARTINS, Ana Paula Vosne, op. cit..

⁴⁰ Ver MUSSEL, James. Private practices and public knowledge: science, professionalization and gender in the late nineteenth century. *Nineteenth-Century Gender Studies*, v. 5, n. 2, 2009.

⁴¹ TELLES, Norma, op. cit., p. 430.

⁴² BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Lésbia*, op. cit., p. 82-84.

⁴³ CARVALHO, Maria Vaz de. O trabalho das mulheres. *A Família*, n. 14, 2 mar. 1889, São Paulo, p. 6.

⁴⁴ Ver Novidades. *A Família*, n. 23, 23 maio 1889, Rio de Janeiro, p. 8.

⁴⁵ BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Lésbia*, op. cit., p. 87.

⁴⁶ *Idem*, *ibidem*, p. 87 e p. 111.

⁴⁷ *Idem*, *ibidem*, p. 103.

⁴⁸ *Idem*, *ibidem*, p. 90.

⁴⁹ *Idem*.

⁵⁰ *Idem*, *ibidem*, p. 91 e 92.

⁵¹ *Idem*, *ibidem*, p. 94.

somado aos temores da miscigenação e a introdução da degenerescência no pensamento social brasileiro, os quais levam a uma compreensão da sexualidade masculina em termos patológicos, tornam-se fonte de ansiedades para muitos homens do período, que se sentem ameaçados pelos impactos sociais destes processos históricos.

A força desta onda conservadora não passou despercebida pelas atenções de Délia. Com efeito, a metamorfose de Bela em Lésbia, pela inserção na república das letras, é perpassada por fortes obstáculos, na medida em que Bormann esforça-se para denunciar os antagonismos sociais e de gênero presentes no campo literário. Afinal, admite que “não só o espírito brasileiro ainda se acha muito eivado de preconceitos, como também a maioria dos homens não vê com bons olhos essa emancipação da mulher pelo estudo e pela independência de opiniões”.⁴⁵ Délia remete suas leitoras e leitores à forte dimensão de gênero presente no campo literário brasileiro das últimas décadas do século XIX, em particular, pela via das críticas e acusações caluniosas proferidas por homens receosos do sucesso de Lésbia. Contra estes “leões sem garras”, ou ainda “zangões literários”, a romancista responde pela cultura escrita, ao produzir um “poemeta satírico no gênero veemente de Bocage, vendendo-se os mil folhetos em menos de uma quinzena, o que a induziu a cultivar esse produto de fácil extração e ótimo resultado”.⁴⁶ Délia enfatiza o estigma social delegado às mulheres emancipadas no Brasil finissecular e rejeita a exclusividade masculina na produção literária, gestando uma escrita carregada com qualidades viris e feminis, tal como expresso em um dos folhetins de Lésbia, “Blandina”: “notava-se nesse trabalho *um espírito másculo*, presidindo à concepção e ao desenvolvimento do entrecho; ao mesmo tempo em que a amena ductilidade do estilo, dobrando-se ao apurado tato feminino, desvendava esses melindrosos recessos d’alma que o homem mal adivinha e que a mulher sói possuir e expor”.⁴⁷

No âmago da perspectiva crítica da autora às variações da virilidade, tome-se ainda como exemplo o personagem do Dr. Castro, a partir do qual denuncia o rancor e a mesquinhez dos bacharéis inseridos nos modelos hegemônicos de masculinidade. Délia apresenta-o, novamente, em termos patológicos, recorrendo a conceitos pertinentes aos saberes frenológicos e a antropométricos, afinal, trata-se de “sujeito esguio, com olhar insolente de uma corneta de regimento, mostrando no crânio o entrelaçamento de protuberâncias, indicando as mais contraditórias propensões e oferecendo curiosa observação frenológica”.⁴⁸ Em atitude de ressignificação de posicionamentos presentes em tratados médicos ou romances naturalistas, nos quais a mulher torna-se objeto de infundável escrutínio, é o homem bacharel que se converte no alvo das observações inquisitivas da romancista, pois “desconhecia Bela aquele gênero; portanto, procurou estudá-lo; demais, ouvindo-o depois dos outros néscios, julgou-o mais atilado e prestou-lhe alguma atenção, afazendo-se em pouco àquela linguagem picante”.⁴⁹

Por meio do Dr. Castro, o “cidadão chefe de família” que assume como objetivo espalhar calúnias e infâmias sobre a jovem protagonista, a romancista passa a delatar as incongruências e os limites que vislumbra nos homens: a ausência de genuíno amor, o excesso de vaidades, a mesquinhez produzida pelo despeito, o orgulho excessivo, o egoísmo e os preconceitos, características que os tornam em uma “besta-fera consciente”.⁵⁰ Diante de Bela, desfilam inúmeros exemplares de homens dotados de características semelhantes, “o mesmo sorriso sarcástico, eivado de desprezo e

incredulidade”, os quais considera apenas como “meros objetos de estudo, verdadeiros modelos psicológicos”.⁵¹ Muitos médicos e cientistas do período visavam reforçar a naturalização feminina, pela via da crença na presença de elementos primitivos e de um processo evolucionário atrofiado no organismo feminino, o que o tornava imutável e constante – ou ainda causava certa indiferenciação, expressa pelo criminologista italiano Césare Lombroso em 1893: “quem conhece uma, conhece todas [...]. Seus pensamentos, seus sentimentos e até suas formas externas se parecem”.⁵² Délia, pela voz de sua protagonista, está como que a querer dizer: “bem, vocês homens também são quase todos iguais”.

Se, com as descrições do primeiro marido de Bela, a autora delineou a recusa de certo modelo de masculinidade demarcado pela violência doméstica e por códigos de conduta que acarretam na infelicidade feminina, além de denunciar as falências do casamento e do modelo de feminilidade pautado em valores domésticos, por intermédio do jovem Sérgio de Abreu, a romancista rejeita uma variação byroniana de masculinidade, entregue aos excessos, ardilosa, aventureira e irresponsável. O jovem bacharel em Direito era “elegante, inteligente, vaidoso, fazendo das mulheres uma idéia errônea e pouco lisonjeira”. Além disso, Sérgio enquadra-se nas novas configurações de masculinidade hegemônica difundidas nas últimas décadas do século XIX, pois se caracterizava pela formação acadêmica e experiência nas “sendas políticas, procurando seguir as pegadas do pai que ocupara eminente posição social”.⁵³ O *dandy* é capaz de provocar imediatas paixões em Bela, pelo menos até esta dar-se conta do verdadeiro caráter do personagem, pois, humilhada e de coração partido, encontra-o inebriado nos braços de prostitutas.

A personagem reencontra-o anos depois, prestes a ocupar uma cadeira parlamentar, mas atenta-se ao fato de que uma vida de excessos sexuais acarreta consequências físicas e morais na personagem, pois “ainda possuía Sérgio a bizarra aparência de dantes, era o mesmo homem, porém prometera mais do que dera; tolhido talvez pela traiçoeira e mórbida inércia brasileira, deixara-se estacionar, adiando ou antes sufocando os impulsos da ambição que o febricitara”.⁵⁴ Aqui, Délia parece alinhar-se com certas proposições pertinentes aos discursos médicos do período, os quais desempenharam importante papel na constituição de limites impostos à sexualidade masculina e observavam nos excessos das sexualidades fora da santidade do lar e destituídas do ato procriador, as causas para as fraquezas de caráter e enfermidades masculinas. Mais do que isso: a romancista remete os excessos sexuais às próprias ribaltas da política brasileira no *fin-de-siècle*, desvelando o passado sórdido de um dos seus proeminentes representantes.

Por meio destes personagens masculinos, de homens vaidosos e mesquinhos, ou ainda violentos e irresponsáveis, Délia visa a problematização dos modelos de masculinidade em vigência na sociedade brasileira do final do século XIX. Em um período em que tanto a educação moral quanto os discursos médico-higienistas defendem modelos normativos necessários para a edificação da nação brasileira, os quais reiteram a defesa pela honra, a potência sexual reprodutora, o autocontrole e o compromisso com a pátria⁵⁵, a romancista destaca a incapacidade de alguns homens para enquadrar-se nestas configurações subjetivas, e também os impactos que estes códigos de gênero acarretam para mulheres. Contudo, assim como exemplificado pelo personagem do Dr. Luiz Augusto, Délia também ad-



⁵² LOMBROSO, Cesare e FERRO, Guglielmo. *La donna delinquente, la prostituta e la donna normale*. Torino: Fratelli Bocca Editori, 1903, p.162.

⁵³ BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Lésbia*, op. cit., p. 57.

⁵⁴ *Idem*, *ibidem*, p. 146.

⁵⁵ Ver SANTOS, Fernanda Cássia, op. cit., p. 34.

⁵⁶ Ver MARTINS, Ana Paula Vosne. Da amizade entre homens e mulheres: cultura e sociabilidade nos salões iluministas. *História: Questões & Debates*, n. 46, 2007.

⁵⁷ *Idem, ibidem*, p. 66.

mite a constituição de outras vivências da masculinidade, marcadas pela erudição e sentimento, nas quais enreda a possibilidade da diminuição das distâncias de gênero e por formas de sociabilidade permeadas pela igualdade intelectual, amizade e paixão.

“Caráter ilibado, homem distinto, de rara erudição”: das amizades e paixões entre homens e mulheres em *Lésbia*

Ao longo da tradição filosófica ocidental, a amizade foi comumente vista como um sentimento de exclusividade masculina, pois se partia do princípio de que as mulheres, por supostas restrições intelectuais ou ambiguidades morais, seriam incapazes de manter vínculos igualitários com os homens. Segundo Ana Paula Vosne Martins⁵⁶, ao analisar as correspondências trocadas entre homens e mulheres nos salões europeus do século XVIII, as amizades mistas e heterossociais tornam-se possíveis naqueles ambientes culturais e, no cerne de um sistema de gênero desfavorável para elas, possibilitam a constituição de lugares de sociabilidade mais igualitários. As amizades permitiram que mulheres como a alemã Rahel Varhnagen, ou as francesas Madame de Châtelet, Madame d’Épinay e Mlle. De Lespinasse, cultivassem um novo tipo de relação entre homens e mulheres, estruturado “com as mesmas qualidades em torno de um ideal de sociabilidade culta, amistosa e prazerosa”.⁵⁷ Assim, estas *salonnières* pavimentaram a constituição de espaços públicos singulares nos quais, a despeito das rigorosas hierarquias sociais de gênero, diminuía-se as distâncias culturais na medida em que homens e mulheres estavam cingidos pela valorização dos mesmos ideais de razão e sensibilidade, da autonomia individual no agir e pensar.

A temática das amizades intelectuais e das relações amorosas em *Lésbia*, particularmente entre a protagonista e os personagens do intelectual Catulo e do jovem Alberto, permite sublinhar a possibilidade, tal qual imaginado por Délia em sua escrita literária, de relações heterossociais mais igualitárias, baseadas na partilha da paixão erótica e do amor pelo conhecimento e pela cultura. Por extensão, possibilita pensar na valorização de um modelo de masculinidade demarcado por traços como a excessiva sensibilidade, a natureza idealista, a força da inteligência e o cultivo da interdependência afetiva e da paridade intelectual entre homens e mulheres. Em *Lésbia*, a construção destes modelos de masculinidade encontra-se em sintonia com a defesa de novas configurações nos vínculos heterossociais, capazes de desestabilizar as rígidas divisões sociais baseadas no gênero, muitas das quais veiculadas pelo movimento republicano no Brasil finissecular.

Entre Catulo e *Lésbia*, Délia evoca a possibilidade da paixão erótica, da amizade e igualdade intelectual, por meio de relações mais solidárias, sentimentos mútuos e da construção de um espaço material, a saber, o palacete da escritora, no qual a valorização do conhecimento e da criatividade artística desfazia as hierarquias de gênero. O Dr. Pereira, ou Catulo, é apresentado aos leitores logo após a publicação do romance de estreia de *Lésbia*, “Blandina”, atraído à escritora por sua qualidade literária. De imediato, o homem é descrito como portador de um “caráter ilibado, homem distinto, de rara erudição, de exagerada modéstia ou antes, absolutamente indiferente a todo e qualquer encarecimento”. Contra a unidimensionalidade do masculino, tal qual exemplificado pelo marido de *Lésbia*, a

romancista apresenta Catulo como personagem dotado de nuances, pois se na prática encarava a vida com sensatez, “porém, havia uma natureza idealista, contemplativa, de ordinário apática, só despertando vívida e impetuosa ao impulso do entusiasmo, da indignação ou do sarcasmo”.⁵⁸

Em Catulo, Délia orienta todas as qualidades viris necessárias para construção de uma relação utópica de amizade e paixão com Lésbia: além da excessiva sensibilidade, é “um grande poeta” de “grande coração”, “dispondo também de ameno trato e de variada e atraente conversação”⁵⁹, portanto, marcado pela civilidade e pelo amor à cultura erudita. Não obstante, é descrito pela romancista como um astuto observador da espécie humana e possuidor da experiência de vida. Por Lésbia, o Dr. Pereira apaixona-se duplamente, afinal, sente-se atraído pela escrita elegante e eloquente, mas também se torna imediatamente arrebatado pela beleza e inteligência da mulher, traços que pareciam faiscar no magnetismo dos seus olhos. O efeito imediato causado pelo encontro entre Lésbia e Catulo é narrado como uma experiência espiritual, do enlaçar de almas elevadas ao nível da igualdade intelectual e unidas por semelhantes paixões. Por isso, a romancista brada finalmente encontrar um “homem superior, como eu despido de tolos preconceitos”⁶⁰, e ao tê-lo ajoelhado sob seus pés, atribui-lhe um segundo batismo, carregado de simbolismo: Catulo, em referência ao poeta romano do primeiro século, que dedicou seus versos à amada Clódia, intitulado-a Lésbia ao remeter-se à poeta grega Safo de Lesbos. O gesto simbólico demarca ainda a potência da escritora em nomear e titular não apenas seus personagens, mas também os homens com quem convive.

A relação entre Catulo e Lésbia reveste-se de uma dimensão declaradamente afetiva e amistosa após a morte dos pais da escritora e de sua viagem à Europa, onde permanece durante oito anos. Afinal, Lésbia admite que a relação de ambos transforma-se em “uma dessas afeições poderosas, revestidas de gratidão, de força de hábito, de real estima, que soem resistir ao tempo, à intimidade e a todas as vicissitudes humanas”.⁶¹ O destino principal da viagem, a saber, a Itália, assume uma dupla significação se cotejado com as demais referências intertextuais sugeridas pela romancista: na imaginação literária de Délia, a história romana figura como uma referência da erudição e da valorização da genialidade, manifesta por meio de monumentos, dos mármores das igrejas e das pinturas, mas também de relações mais felizes entre homens e mulheres, sobretudo entre poetas e musas. E, em parte, pode-se lançar mão da hipótese de que a viagem de Lésbia e Catulo, embora brevemente tratada no romance, torna-se uma reencenação do trajeto de outro casal, Corinne e Oswald, do romance *Corinne ou l'Italie* (1807), de Germaine de Stäel, escritora referenciada na narrativa.

O encontro dos amantes é imaginado por Délia como uma relação que se circunscreve para além das restrições e dos fardos associados ao casamento; trata-se, outrossim, de uma união de espíritos igualmente elevados, capazes de provocar em Catulo o que a romancista categoriza como um “amor divino”, “o que esquece e perdoa”, até mesmo quando percebe que a personagem-escritora apaixona-se pelo mancebo Alberto. Da perspectiva de Lésbia, “amara-o [Catulo] profundamente, em prolongado idílio, em completa uniformidade de ideias, de gostos e de sentimentos, votando-lhe sincera estima, considerando-o como seu único e verdadeiro amigo”.⁶² Desta forma, a autora tece a possibilidade de uma relação heterosocial menos verticalizada, quiçá inspirada nas experiências e trajetórias de *sallonières* como a própria Madame de Stäel, as quais produziram, entre

⁵⁸ BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Lésbia*, op. cit., p. 121 e 122.

⁵⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 122.

⁶⁰ *Idem*, *ibidem*, p. 124.

⁶¹ *Idem*, *ibidem*, p. 161.

⁶² *Idem*, *ibidem*, p. 197 e 198.

⁶³ MARTINS, Ana Paula Vosne. Da amizade entre homens e mulheres: cultura e sociabilidade nos salões iluministas, *op. cit.*, p. 61.

⁶⁴ BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Lésbia*, *op. cit.*, p. 132.

⁶⁵ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. As mulheres do século XVIII. *A Família*, 16 mar. 1889, São Paulo, p. 3 e 4.

⁶⁶ BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Lésbia*, *op. cit.*, p. 172 e 173.

⁶⁷ *Idem*, *ibidem*, p. 173.



os séculos XVII e XVIII, novas vivências de sociabilidade fundamentadas “na cultura, no prazer da conversação e principalmente no cultivo da amizade”⁶³, portanto não mais embasadas em privilégios sociais – o que em *Lésbia* fica evidente pelo Barão de Buriti, “ridículo personagem, senil em emoção, trêmulo, repelente e até grotesco”⁶⁴, contra o qual a escritora manifesta seu posicionamento político republicano e abolicionista.

Sabe-se que, mais do que mera referência de erudição, as experiências históricas das *salonnières* do século XVIII integravam o imaginário e as culturas políticas destas escritoras do final do Oitocentos. Afinal, as páginas periódicas d’*A Família* incorporavam artigos dedicados às vidas e circunstâncias das mulheres dessa época. Em 16 de março de 1889, o periódico caracterizava o século precedente como um “tempo de transição e vigorosos contrastes, de filosofia e de utopias realizáveis, de sensibilidade e de sarcasmo, de morte e de renascimento”. Além disso, assegurava que as “principais celebridades literárias” do Setecentos, ao exemplo de Voltaire, Rousseau e Montesquieu, sujeitavam suas produções à crítica dos “belos espíritos da sociedade”. No séquito de francesas, o destaque incidia sobre Madame Geoffrin, que “foi quase uma instituição do século”, Madame du Chatalêt, “a sábia Marquesa que estudava os astros”, e Mademoiselle de Sespínasse [sic], “feia, plebéia e pobre”, que “alcançou a celebridade pelo espírito e o império pela sua influência sobre um dos mais ilustrados colaboradores de Enciclopédia, d’Alembert”. A autora do artigo, a escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho, corrobora o fim deste modelo de feminilidade setecentista, por associá-lo à pedância e leviandade, mas simultaneamente lamenta o descaso de sua geração finissecular com o “entusiasmo apaixonado”⁶⁵ das mulheres francesas do século XVIII.

Um último registro importante das relações de gênero imaginadas no romance de Bormann reside no jovem Alberto Lopes, que se apaixona por Lésbia no final da trama, a despeito das diferenças de idade entre ambos. No que diz respeito ao caráter do mancebo, há que se levar em consideração a força da leitura e da literatura na construção dos sentimentos do homem, afinal, Délia relembra aos seus leitores o efeito causado pelos romances de *Lésbia* no menino:

*Emprestou-lhe um colega um dos romances de Lésbia; devorou-o ele às ocultas, experimentando violentas emoções que lhe convulsionavam o organismo, dissipando as névoas da infantil imaginação, abrindo-lhe novos horizontes que o ofuscavam, cortando-lhe a respiração, sufocando-o em estranhas sensações demasiadamente fortes para a sua idade e inexperiência. Pálido, ofegante, fechava o livro, cerrava a pálpebra, procurando adivinhar aquela mulher divina, cujos escritos lhe deixavam na alma um traço incandescente; criava-a, ora loira, suave, meiga; ora morena, de olhar sombrio; já castanha, alva, rósea; já ruiva, com lábios rubros e olhos esmeraldinos.*⁶⁶

Por intermédio das experiências físicas e sentimentais causadas pela leitura dos romances de *Lésbia*, os quais povoavam “os sonhos de menino e matizando-lhe o desabrochar dos seus devaneios de rapaz”⁶⁷, a romancista remete sua narrativa aos acalorados debates que, nas últimas décadas do século XIX, envolviam a relação entre imaginação literária e instrução moral. No período, os chamados “romances para homens”, publicações de caráter erótico produzidas a baixo custo no submundo literário finissecular, foram amplamente criticados por enredarem personagens que se afastavam de códigos comportamentais considerados moralmente aceitáveis,

mas que, ao dialogar com muitas das advertências de médicos do período, evocavam destinos trágicos reservados aos excessos e às sexualidades desregradas.⁶⁸ A própria Délia referencia as “Leituras para homens, preciosos passatempos, de misterioso sabor, verdadeiro incitamento histérico em horas de ócio”⁶⁹, ao acusar, com tintas ácidas, a hipocrisia das leitoras mais moralistas de Lésbia, as quais atacam sua qualidade literária com uma das mãos, enquanto que com a outra se refestelam com leituras picantes. Em *Lésbia*, Bormann imagina uma nova geração de homens moralmente instruídos pela leitura dos livros da personagem-escritora, capazes de torná-los mais sensíveis ao que denomina de “gozo pueril do amor, tão fútil e tão consolativo”.⁷⁰ Contudo, a romancista também se atenta aos conflitos emocionais derivados destas experiências, na medida em que ao apaixonar-se por Lésbia, ele abandona a jovem noiva Heloísa, causando-lhe profunda infelicidade e angústia.

Assim como o consumo voraz dos livros de Lésbia em sua juventude, o encontro de Alberto com a personagem-escritora é descrito por Bormann em termos profundamente ligados ao domínio das sensibilidades e das paixões eróticas, capazes de causar sensações físicas arrebatadoras em ambos:

E, enquanto revoltava-se Lésbia a querê-lo e a recear vir a amá-lo, encerrava-se Alberto em seus aposentos, ébrio de emoção, aspirando avidamente o seu fato, impregnado do perfume da mulher amada, tão sutil, tão penetrante, volatilizando-se no espaço e encadeando a alma com invisíveis liames

[...]

*Desde esse momento de rápido contato ficaram moralmente ligados, sendo perseguidos pela mútua lembrança que em vão tentavam esquecer; a todas as horas, a mesma imagem, o mesmo ser, em viva rotação, alucinando-lhes o cérebro e enervando-lhes o organismo.*⁷¹

Como se vê através da forte carga erótica que cinge a relação entre Alberto e Lésbia, Délia evidencia a consciência da personagem-escritora a respeito de seu corpo e de seu desejo sexual. Este posicionamento, que desestabilizava a concepção de “natureza feminina”, estava alinhavado às figurações da sexualidade feminina que ganham forma na medicina entre as décadas de 1880 e 1890, as quais se afastavam de uma perspectiva reforçada na metade do século a respeito de certa “anestesia sexual” ou uma “falta de paixão da mulher”. Médicos e obstetras admitiam a capacidade da mulher obter prazer sexual e advertiam contra o potencial prejudicial do celibato em termos biológicos e psicológicos.⁷² Da parte de Alberto, a paixão pela mulher mais velha possui tanta intensidade quanto a leitura arrebatadora de seus romances. Seus sentimentos por Lésbia são capazes de fazê-lo sentir-se febrilmente absorto e magneticamente atraído, ou até mesmo inconsequente, já que o peso das ações de Alberto recai sobre a ingênua Heloísa, abandonada e infeliz, cujas súplicas são atendidas por Lésbia.

Mais do que simples manifestação de um modelo conservador de feminilidade, que tateia o casamento como única via de felicidade, as súplicas de Heloísa podem ser compreendidas como uma expressão de seu espaço de ação, da mobilização de sua força simbólica e afetiva para alcançar o idílio: “Sim, ele a ama perdidamente! Acentuou ela, vendo o gesto brusco de Lésbia; ama-a, e como não amá-la, se a senhora possui irresistível beleza e admirável talento?! [...] Porém eu só tenho o meu amor, e aos vinte anos, o amor é a vida inteira!”⁷³ Se o suicídio de Lésbia, no desfecho do

⁶⁸ Ver SANTOS, Fernanda Cássia, *op. cit.*, p. 17.

⁶⁹ BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Lésbia*, *op. cit.*, p. 105.

⁷⁰ BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Lésbia*, *op. cit.*, p. 203.

⁷¹ *Idem*, *ibidem*, p. 180 e 181.

⁷² Ver SHOWALTER, Elaine, *op. cit.*, p. 39.

⁷³ BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Lésbia*, *op. cit.*, p. 220 e 221.

romance, pode ser visto como um marco da solidariedade feminina, já que sua morte possibilitaria a felicidade conjugal de Heloísa e Alberto, as ações do jovem apaixonado e o drama de sua noiva abandonada devem ser pensados enquanto parte da aguçada percepção de Bormann a respeito das relações de gênero no Brasil *fin-de-siècle*: de um lado, o impacto das ações masculinas, socialmente legitimadas, sobre a felicidade ou a infelicidade feminina; de outro, o campo de possibilidades e os dispositivos de negociação das mulheres diante dos impasses cotidianos em uma sociedade profundamente hierarquizada.

Em conexão com as transformações políticas, sociais e econômicas no Brasil entre as décadas de 1880 e 1890, em especial, a abolição do trabalho servil e a passagem ao regime republicano, novos modelos de conduta e códigos comportamentais foram disseminados entre homens e mulheres. Estas mudanças provocam a emergência do que pode ser caracterizado como uma nova masculinidade hegemônica, cujos principais apologistas, sobretudo em centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo, são médicos sanitaristas e higienistas, homens de letras e pesquisadores sociais, profundamente preocupados com a formação de homens fortes e viris para a defesa da nação brasileira e do progresso de suas instituições. Este novo modelo de virilidade acarreta em um relativo afastamento com a violência associada à sociedade patriarcal, em favor do homem vestido à moda europeia, civilizado e dotado de autocontrole. A manutenção destes códigos de masculinidade reforça as rigorosas divisões de gênero entre a esfera pública, associada ao trabalho masculino, e a vida privada, visto como espaço feminino por excelência.

Em *Lésbia*, romance no qual Maria Benedita Câmara Bormann discorre a respeito da formação e dos sentimentos de uma escritora brasileira no *fin-de-siècle*, pode-se vislumbrar um discurso crítico frente aos modelos predominantes de masculinidade no período, na medida em que sua manutenção reforça a infelicidade feminina e as hierarquias de gênero. Por meio de personagens tirânicos, mesquinhos e irresponsáveis, a romancista visou denunciar as violências e os constrangimentos que recaem sobre as mulheres, tanto na esfera doméstica quanto na vida pública. Não obstante, Délia também imagina a possibilidade de outros modelos de masculinidade, dotados de erudição e sensibilidade, capazes de cultivar relações menos verticalizadas com mulheres, baseadas em sentimentos mútuos, na paixão e na valorização do intelecto.

Artigo recebido em março de 2017. Aprovado em maio de 2017.